



TRATAMENTO ODONTOLÓGICO SOBRE OS PARÂMETROS DE ÁCIDOS GRAXOS DE CADEIA CURTA, ÁCIDO LÁTICO E pH FECAL DE EQUINOS

Fernanda Rudolf Gonzalbo Garcia¹, Luiz Antônio Jorge de Moraes Filho, Kátia Feltre, Yasmin de Sales Pereira, Gabriela do Vale Pombo, Suzeli Soares dos Santos, Regina de Lima Costa, Júlio Cesar de Carvalho Balieiro, Alexandre Augusto de Oliveira Gobesso

¹Mestranda na Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Departamento de Nutrição e Produção Animal, Campus Fernando Costa, Pirassununga/SP.
e-mail: ferudolf@hotmail.com

A domesticação e estabulação dos animais levaram a alterações na forma de alimentação dos equinos, ocasionando mudanças também no desgaste natural dos dentes, tornando-o desordenado e até ineficiente, contribuindo de forma ampla para as desordens digestivas. O objetivo do trabalho foi investigar as implicações do tratamento odontológico sobre as alterações na produção dos ácidos graxos de cadeia curta (AGCC), ácido lático e pH das fezes. Foram utilizados oito cavalos da raça Puro Sangue Árabe, machos, castrados, nunca submetidos a tratamento odontológico. Os animais foram alojados em baias individuais, alimentados com dieta constituída de 2% do peso corpóreo (PC) em MS/dia. Os resultados foram submetidos à análise de variância e o delineamento experimental adotado foi inteiramente casualizado com medidas repetidas no tempo. Os tratamentos foram divididos em três grupos, grupo controle, grupo D20 (animais avaliados vinte dias após o tratamento odontológico) e grupo D40 (animais avaliados quarenta dias após o tratamento odontológico). Os animais passaram por três períodos de adaptação à dieta de 15 dias e 5 dias de coleta total de fezes, por fase. O tratamento odontológico consistiu de remoção de ganchos, ondas, cristas transversas, degraus, contato prematuro e redução de pontas excessivas de esmalte, ajustando a oclusão e equilibrando os movimentos de excursão. O pH das fezes foi aferido no primeiro dia de coleta total de fezes em um período de 12 horas. As amostras foram coletadas nos momentos de defecação espontânea, diluídas na proporção de 1:1 (50g de fezes para 50ml de água destilada), homogeneizadas, imergindo o eletrodo do pHmetro para leitura do pH e, em seguida, enquadradas nas faixas de horário F1: 07-10h; F2: 10-13h; F3: 13-16h e F4: 16-19h. Para a análise de AGCC (acético, propiônico e butírico), foram coletadas 10g de fezes imediatamente à defecação e diluídas em 20ml de água destilada e, após homogeneização, o material foi coado em tecido poroso (dessora) e, do conteúdo coado, 4ml de amostra foram transferidos para tubos Vacutainer BD® sem anticoagulante contendo previamente 1ml de ácido fórmico PA grau HPLC 98-100%. Em seguida, os tubos foram centrifugados por 12 minutos a 4.000 rpm e 2ml do sobrenadante foram transferidos para microtubos com capacidade de 2ml e congelados a -20°C. As concentrações de AGCC foram medidas por cromatografia em fase gasosa. Para a análise de ácido lático foi coletado 2g de fezes no momento de defecação espontânea acondicionada em tubos Falcon de 15ml e congelado a -20°C. O método utilizado para a determinação do ácido lático foi o espectrofotométrico para fluidos biológicos. Não foram encontradas diferenças ($P > 0,05$) para as variáveis de ácido acético e butírico entre os grupos. Para o ácido propiônico foi possível observar um aumento ($P < 0,05$) das concentrações para os animais do grupo D40 (5,064 mM) em relação ao controle e ao D20 (3,367 mM; 3,262 mM, respectivamente). No lactato fecal foi possível verificar uma redução ($P < 0,05$) das concentrações no grupo D20 e D40 (0,644 mM; 0,252 mM, respectivamente) em relação ao controle (1,918 mM). Os resultados não demonstraram efeito de tratamento para o pH em todas as faixas de horário ($P > 0,05$). Embora no estudo realizado tenha sido possível observar alterações significativas nos ácidos graxos das fezes, essas mudanças não foram suficientes para alterar o pH fecal.